

# AVALIAÇÃO ESCOLAR: INCLUSÃO X EXCLUSÃO

Lays da Silva Gomes Marques

## Resumo:

O referido trabalho busca entender o processo avaliativo, partindo da prática pedagógica de docentes. Uma vez que se angariou um levantamento bibliográfico. Tendo em vista que muitos professores encontram dificuldades na hora de avaliar seus alunos. Pois muitos avaliam seus alunos como ser isolado, o que torna a aprendizagem insatisfatória. Com isso iremos abordar o tema “Avaliação da Aprendizagem- Inclusão x Exclusão” visando mostrar o processo avaliativo na turma do 3º ano. Buscando possíveis soluções para a melhora do processo avaliativo em sala de aula. Além dos autores pesquisados, também foi feita a coleta de dados como observações na sala de aula, atividades, sondagens etc. Com este trabalho pode-se perceber a importância do professor se auto-avaliar, e a maneira como avaliamos nossos alunos. Além de enriquecer a nossa prática pedagógica, ajudando-nos a ter uma melhor visão do ato avaliar.

Palavras - chave: Avaliação, aprendizagem, exclusão e professor.

## Abstract:

Such work seeks to understand the evaluation process, based on the pedagogical practices of teachers. Once it raised a literature. Given that many teachers have difficulties when assessing their students. For many assess their students how to be isolated, which makes learning unsatisfactory. With that we will address the theme "Assessment of Learning Inclusion-Exclusion x" in order to show the evaluation process in the 3rd year class. Seeking possible solutions to improve the evaluation process in the classroom. In addition to the authors surveyed, was also made to collect data and observations in the classroom, activities, polls etc.. With this work, we can realize the importance of teacher self-evaluation, and the way we assess our students. Besides enriching our teaching practice, helping us to get a better view of the Act review.

Keywords - Keywords: Assessment, Learning, and professor exclusion.

## Introdução

A avaliação é um instrumento que possibilita ao educador informações sobre a aprendizagem de seus alunos. Permitindo uma tomada de decisões que facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, não deixa de ser um processo seletivo presente no nosso cotidiano criando muitas das vezes um cenário de exclusão. É preciso fazer-se constantes reflexões sobre nossa prática e, mudarmos a realidade das nossas escolas.

Dessa forma, o modo de avaliar não pode ser visto nem trabalhado de uma forma isolada, única, ou até mesmo punitiva, mas sim de forma contínua, onde busque o sucesso do aluno através das variadas atividades trabalhadas no dia-a-dia em sala de aula e no decorrer de todo o ano letivo.

Compreendo a avaliação como um recurso pedagógico útil e necessário para ajudar cada educador e cada educando na busca de si mesmo. A avaliação da aprendizagem deve ser inclusiva, dinâmica e construtiva e não marginalizar, excluir e até mesmo classificar o educando.

A Avaliação da Aprendizagem da Aprendizagem tem despertado o interesse de muitos educadores. Buscando possíveis soluções para o problema da avaliação no processo educativo e buscando instrumentos que facilitem a aprendizagem.

Nessa perspectiva, este trabalho foi desenvolvido na E. M. E. F. José Augusto de Lira, no turno da tarde, 3º ano. Partindo da observação da postura do educador e seus métodos de avaliar.

Este trabalho é um levantamento bibliográfico onde busco entender o processo avaliativo e os fatores que contribuem para seu fracasso. Tendo como objetivo analisar os tipos de avaliação desenvolvidas pela educadora e provocar uma reflexão crítica sobre o assunto, buscando possíveis soluções para a melhora do processo avaliativo.

Pois, fica claro que o professor deve antes de tudo, se auto avaliar para não avaliar o aluno como um ser isolado, mas sim como um todo, visando tornar o aluno um ser, melhor, capaz de interagir de forma positiva na sociedade em que o mesmo está inserido.

Para que este trabalho de conclusão de curso seja entendido de forma clara, o texto apresenta: A função social da escola que vai nos esclarecer qual o sentido real da escola para com a sua função diante da sociedade. A caracterização da escola em estudo, a fundamentação teórica que irá guiar como suporte através da teoria de alguns autores além do resultado de minhas pesquisas. Assim pretendo com este trabalho melhorar a minha prática pedagógica e propor alternativas que facilitem nossa prática, para que saibamos nossa importância enquanto educadores.

## A avaliação e o papel social da escola

A função social da escola não está, apenas, voltada para a transmissão de conteúdos, mas, proporcionar ao educando o desenvolvimento de potencialidades físicas e cognitivas, além, de ajudá-los a compreender sua própria realidade, situar-se nela e contribuir para sua formação. Dessa forma, faz-se necessário refletirmos sobre nossas ações cotidianas, nossas práticas em sala de aula. Precisamos pensar como a nossa forma de avaliar nosso educando está contribuindo para seu desenvolvimento.

Para o senso comum, avaliar aparece como sinônimo de medida, de atribuição de um valor em forma de nota. Porém, nós, professores, temos o compromisso de ir além do senso comum e não confundir avaliar com medir.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura.

A escola, enquanto instituição ética e socializadora têm a avaliação como uma das atividades que ocorre dentro de um processo pedagógico. Usada no sentido de um acompanhamento do estudante, com vistas a planejar ações educativas futuras.

Assim, a escola é um espaço democrático. Possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e oferecendo caminhos para o aluno buscar mais conhecimento.

## Conceitos e concepções sobre avaliação

A avaliação é um pelo o qual o professor deverá, não só levar em conta os resultados das atividades realizadas, mas, também observar como foram feitas.

Não se restringe ao julgamento sobre sucessos e fracassos, pois, é compreendida como um conjunto de atuações que tem como função delinear, obter e fornecer informações para a prática pedagógica.

Segundo Luckesi (1994, p. 196) “a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino – aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre seu trabalho”.

Tradicionalmente, a avaliação é marcada por uma concepção que classifica a aprendizagem em certa e errada. Essa perspectiva de avaliação classificatória e seletiva, muitas das vezes, torna-se um fator de exclusão escolar.

O educando não pode ser julgado por seu resultado ou notas, nem muito menos, ser visto como único sujeito que pode errar nesse processo. É preciso ressaltar, no entanto, que a avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensinar. Se a abordagem no ensino foi dentro dos princípios da construção do conhecimento, a avaliação da aprendizagem seguirá a mesma orientação.

Há evidências de que a vertente qualitativa da avaliação introduz aspectos que nos conduzem à reflexão sobre práxis da avaliação escolar, pois, embora a prática pedagógica permaneça no modelo positivista, observamos o movimento que denuncia sua insuficiência para responder às demandas cotidianas.

A educação brasileira tem como grande desafio promover a aprendizagem de todos os alunos e lhes assegurar uma trajetória de sucesso. Essa concepção de avaliação parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de aprender e de que as ações educativas, as estratégias de ensino e os conteúdos devem ser planejados a partir dessas infinitas possibilidades de aprender.

Entender e realizar uma prática avaliativa ao longo do processo é pautar o planejamento dessa avaliação, partindo das interações que vão se construindo no interior da sala, pois, o foco da avaliação é fornecer informações acerca das ações de aprendizagem e portanto, não pode ser realizada apenas no final do processo, pois, poderá perder seu propósito.

Analizamos o êxito de qualquer ensino não pela capacidade de reprodução que o aluno tem do que lhe foi apresentado como informação ou caso exemplar, mas pela sua capacidade de construir soluções próprias a novos problemas (DEMO, 1996).

O processo avaliativo abrange toda existência humana, onde implica uma reflexão crítica sobre nossa prática, no sentido de captar os avanços, resistências e dificuldades. Possibilitando uma tomada de decisões sobre o que fazer para superar obstáculos.

Nessa perspectiva, a avaliação deve permitir que o professor acompanhe a construção das representações do aluno, percebendo onde ele se encontra, possibilitando a interação na perspectiva de superação.

A avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana. Faz parte de nosso cotidiano “julgar” e “comparar”, isto é, “avaliar”. Precisamos compreender que avaliação abrange todo processo de realização dos objetivos propostos e, com isso, a observação do aluno.

Esta prática deve ser organizada e sistematizada, realizada segundo objetivos escolares implícitos e explícitos. O cotidiano da escola pública brasileira mostra outra realidade. Na sua maioria, está ainda baseada em uma postura tradicional, a avaliação consiste em considerar o não aprendido, o erro como uma falha do educando.

Para a maioria dos estudiosos em pedagogia, a prática da avaliação deve ser encarada como um processo contínuo, pois seu ponto fundamental é fazer uma auto-reflexão do desempenho do educando.

Outra concepção sobre a avaliação escolar refere-se à classificação dos alunos e alunas em uma escala que opera com pares excludentes, tais como; capaz/incapaz, forte/fraco, bom/mau, entre outros.

O educando não pode ser julgado por seu resultado ou notas, nem muito menos, ser visto como único sujeito que pode errar nesse processo.

É preciso ressaltar, no entanto, que a avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensinar. Se a abordagem no ensino foi dentro dos princípios da construção do conhecimento, a avaliação da aprendizagem seguirá a mesma orientação.

Há evidências de que a vertente qualitativa da avaliação introduz aspectos que nos conduzem à reflexão sobre práxis da avaliação escolar, pois, embora a prática pedagógica permaneça no modelo positivista, observamos o movimento que denuncia sua insuficiência para responder às demandas cotidianas.

O trabalho de avaliação pedagógica envolve todo um contexto, professores, sociedade, as concepções pedagógicas da instituição e a tendência do professor.

Ao longo da história da educação observamos que o tradicionalismo das avaliações taxativas, são substituídas por algo mais elaborado compreendendo uma visão mais social, que observa o aluno como indivíduo produto e produtor de conhecimento, onde avalia a docência, sua eficácia e qual o déficit. Levando-nos a refletirmos onde melhorar.

Em programas especiais de ensino, que tem como objetivo maior corrigir o fluxo escolar dos alunos e garantir condições de aprendizagem encontra-se uma prática voltada para o desenvolvimento do aluno, garantindo a aprendizagem, participação, interação e permanência em sala.

Nessa perspectiva, considera-se que a implementação de políticas educativas, aliada a uma atuação pedagógica atenta a conflitos, contradições, fissuras, fragmentos, vozes que constituem o panorama escolar, poderá dar novos sentidos à práxis da avaliação.

## Avaliação escolar: Inclusão x Exclusão

Inclusão e exclusão não são pólos opostos, compõem a dinâmica da sociedade globalizada onde a fluidez das margens não permite as demarcações rígidas produzindo o *entre lugar* (BHABHA, 1998), no qual podemos pensar em inclusão-excludente ou exclusão-includente. Possivelmente o *entre lugar* é o destino daqueles que se conformam ao limitado conhecimento verificado através dos processos avaliativos dos sistemas unificados.

Recebendo uma educação que não prioriza o conhecimento em sua dinâmica e complexidade constituem-se como aqueles que, por sua formação reduzida, encarregam-se de trabalhos genéricos, necessários coletivamente, mas dispensáveis individualmente, podendo ser contratados em qualquer lugar do mundo ou substituídos por máquinas (VAZ, 1999).

O sistema de avaliação controla a qualidade, seleciona os que a possuem e, em suas dobras, denuncia que a escolarização proposta para todos não garante os conhecimentos exigidos para se ocupar os lugares apresentados como “lugares de qualidade”.

A proposição da avaliação como prática de inclusão torna-se urgente no sistema educacional brasileiro, tendo em vista sua longa história no sentido contrário, qual seja, de exclusão do acesso ao saber, contribuição específica da escola na formação da cidadania, através da reprovação (seguida de evasão), ou da sua trajetória mais recente de aprovação sem aprendizagem. Temos ciência de que esta exclusão no interior da escola não se dá apenas pela avaliação e sim pelo currículo como um todo (objetivos, conteúdos, metodologias, formas de relacionamento, etc.). No entanto, além do seu papel específico na exclusão, a avaliação classificatória acaba influenciando todas estas outras práticas escolares.

A avaliação como prática de classificação se orienta por sua capacidade de selecionar os que *sabem* e os que *não sabem*, tratando *saber* e *não saber* como pólos antagônicos, excludentes, valorizando o *saber* e negando o *não saber*. A avaliação como prática de investigação vê no *saber* e no *não saber* momentos que dialogam na produção de novos e mais profundos conhecimentos, busca a *negociação* entre estes momentos. Evitando a cristalização de um desses espaços, por pretender um processo que se tece com a dinâmica de produção do conhecimento, propõe lançar seu olhar fundamentalmente para o *ainda não saber* (ESTEBAN, 1992).

A avaliação como prática de investigação pode ser uma alternativa interessante não por garantir a conquista de uma qualidade abstrata, que na prática nega as promessas nas quais se produz, mas por jogar luz sobre o conhecimento como processo dinâmico, dialógico, fronteiro, que não pode garantir a inclusão ou a exclusão, pois se constitui nos marcos desta tensão, que também por ele é constituída. Esta avaliação não promete conduzir cada sujeito ao “seu” lugar evitando que ele caia na inclusão excludente ou da exclusão includente, tem como intenção contribuir para que os sujeitos, individual e coletivamente, possam refletir sobre os múltiplos lugares, potencializando o *entre-lugar* como local de produção e experimentação de alternativas.

Entendo que esta avaliação pode se deslocar da função de classificação, que só atende aos objetivos da seleção e, em consequência, à exclusão, e assumir uma função de investigação dos amplos e complexos movimentos de produção de conhecimento (ESTEBAN, 1999). Como processo de investigação não pretende medir a distância entre o conhecimento demonstrado e o limite estabelecido, procura questionar os limites e contribuir com a criação de trajetórias que possam ultrapassá-los. Nesta perspectiva, o objetivo não é conformar o pensamento a uma determinada lógica, mas abrir ao máximo a possibilidade de expor e utilizar a maior diversidade possível, entendendo que a diferença cultural cria campos distintos, mas não incomunicáveis.

### A avaliação e a seleção social

Segundo Perrenoud, (1999) “avaliar cria hierarquias de excelência, em função das quais decidirão o modelo de cada aluno, onde serão tratados com desigualdades”.

Avaliar, para o senso comum, aparece como sinônimo de medida, de atribuição de valor em forma de nota ou conceito.

O problema central da avaliação é o seu uso como instrumento de discriminação, na medida em que assume no âmbito da escola a tarefa de separar os “capazes” dos “incapazes”.

Dentro dessa perspectiva, a avaliação se traduz concretamente na possibilidade de reprovação do aluno. Objetivamente, no sistema educacional, a avaliação é o instrumento de controle oficial, o “selo do sistema”.

A partir de uma análise mais profunda, faz-se essa descoberta: “a avaliação escolar não é só avaliação! De instrumento de análise do processo educacional, a

avaliação tornou-se instrumento de dominação, adquirindo até um caráter passional de acertos de contas” (VASCONCELLOS, 1995).

A prática da avaliação em nossas escolas tem sido criticada, sobretudo por reduzir-se a função de controle e/ou de seleção.

Muitos educadores cometem o equívoco de utilizar a avaliação como recompensa aos “bons” e punição aos indisciplinados. As notas transformam-se em armas de intimidação para uns e prêmio para outros. Nesse contexto, o educador exclui o seu verdadeiro papel, isto é, o de assegurar as condições e meios pedagógicos para que os educandos sejam estimulados e aprendam sem necessidade de intimidação.

A atenção está voltada na nota e não como se chega a ela, afirma Luckesi (1998). “[...] os professores elaboram suas provas para “provar” os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem, por sua vez, ou até em muitos casos, elaboram para ‘reprovar’”.

Diante de um cenário de exclusão, faz-se necessário uma mudança na prática pelas respostas acertadas, mas sim, como chegou a tais respostas.

#### Uma ferramenta didática

A problemática da avaliação vem sendo motivo de grandes preocupações em nossas escolas, portanto, tem ganhado grande atenção, pois estamos trabalhando por uma prática pedagógica diferenciada onde o educando não é visto, apenas, pelas respostas certas e erradas, mas como chegou a tais respostas.

Com as novas pedagogias, a avaliação tem sofrido uma ruptura no seu contexto tradicional, porém, não podemos esquecer que a avaliação se faz necessário não apenas para gerar medo, mas, através dela podemos refletir sobre nossa prática.

Na escola, avaliação deve estar totalmente ligada ao processo pedagógico, assim não é possível mudar somente a avaliação, é necessário mudar também a prática pedagógica.

A avaliação é um instrumento através do qual pode-se ajustar a atuação do educando no processo ensino- aprendizagem, onde só assim teremos a oportunidade de conhecer como se realiza a aprendizagem.

Na engenharia didática a avaliação deve ser vista como um recurso didático onde as características são observadas. O que se faz de extrema importância é que o educador e educando, estejam completamente inseridos no processo avaliativo, ambos em sua formação contínua, que seja desenvolvida em todas as dimensões do ato pedagógico, que possa propiciar ao educador mudanças em sua forma de conceber a educação.

Parece-nos imprescindível, antes de tudo que nós educadores aprendamos a totalidade de nossas ações pedagógicas frente aos educandos e a sociedade, favorecendo mudanças no processo avaliativo das nossas escolas, onde o objetivo maior seja apresentar possibilidades importantes e imprescindíveis, como um grande instrumento no processo ensino- aprendizagem.

A avaliação é uma ferramenta que contribui nas tomadas de decisões referentes à educação, tais como: melhoria do ensino, da aprendizagem, das relações que permeiam professores e alunos.

A credibilidade e aceitação de uma avaliação estão associadas a credibilidade do avaliador, que deve possuir competência técnica e experiência suficientes para empreender a coordenação de uma equipe de avaliação. Problemas inevitavelmente surgem quando a avaliação passa a ser tratada por modismo, na vã esperança que a mesma possa resolver todos os problemas educacionais, quando a sua real finalidade é identificá-los para que possam ser dimensionados, analisados e solucionados. A seleção de informações não relevantes, assim como a deficiência na interpretação dos dados são fatores que podem comprometer a qualidade de uma avaliação e o seu êxito.

O que observa-se é que esta escola, alguns professores têm aberto mão da avaliação formal e usado ficha com habilidades que avaliam o aluno em um todo.

A avaliação não é uma arma a ser utilizada para controlar o comportamento, a disciplina dos alunos, mas uma forma de verificar erros no processo de ensino ou no projeto educativo da escola. É um processo complexo que precisa ser dinâmico, justo, criativo e coerente, envolvendo não apenas o aluno, mas também os professores.

A avaliação, como parte do processo ensino-aprendizagem, torna-se ainda mais importante e deixa de ser apenas a avaliação do aluno, e passa a ser a avaliação de todos: do processo pedagógico, das metodologias utilizadas, do relacionamento professor-aluno e do projeto político-pedagógico da escola.

A atividade de planejar, como um modo de dimensionar política, científica e tecnicamente a atividade escolar, deve ser resultado da contribuição de todos aqueles que compõem o corpo profissional da escola. É preciso que todos

decidam, conjuntamente, o que fazer e como fazer. Na medida em que é o conjunto de profissionais da escola que constitui o seu corpo de trabalho, o planejamento das atividades também deve ser um ato seu; portanto coletivo. (LUCKESI, 1990, p. 56)

É de suma importância a necessidade de planejamento do processo de avaliação para que o mesmo não seja reduzido à observação e ao registro de resultados alcançados pelos alunos. Planejar, entre outros, é construir um caminho a seguir, mais que isso é oportunizar o diálogo entre os professores através de uma postura flexível, atentando para as diferenças individuais e necessidades de cada membro que compõe o cenário escolar: professores e alunos.

A avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho, do professor e da escola como um todo, ou seja, um processo abrangente de existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisões sobre o que fazer para superar os obstáculos.

### Considerações finais

Conforme apresentado ao longo deste artigo, foi possível constatar que é de extrema importância que o professor analise a sua ação de planejar e os subsídios que nortearam seu trabalho, interiorizando como o aluno processa o conhecimento e que sua proposta de trabalho e metodologia é a que vai garantir que seu aluno faça também parte do processo de ensino e aprendizagem.

Estamos vivendo numa época em que a globalização exige cada vez mais uma postura interdisciplinar por parte do educador e, junto a nova postura, a adoção de idéias que conjuguem simultaneamente diferentes leituras de mundo e formas de avaliação mais justas e igualitárias que almejem e desenvolvimento das competências e habilidades tão necessárias no mundo contemporâneo.

Muitas mudanças já ocorreram nesse sentido e a escola não tem se furtado a discussão e reflexão sobre o tema, mas as mudanças só ocorrerão de fato, quando houver a opção pelo “humano”, pelo acreditar em “gente que gosta de gente” e quando

for possível trabalharmos numa nova dinâmica de escola: a escola com olhar humanístico, voltado para as ações compartilhadas no coletivo e no social.

A avaliação na contemporaneidade deve contemplar a busca de ações e reflexões de processos avaliativos mais justos e também na busca de uma escola inovadora, dinâmica, inclusiva, formativa, de conhecimentos e saberes, social e respeitosa, capaz de desenvolver parâmetros éticos e de solidariedade.

Ao longo da pesquisa pude perceber que o ato de avaliar para a construção do conhecimento num mundo em constantes mudanças vai além de medir, dialogar e diagnosticar, o problema inclui também o ato amoroso no processo ensino e aprendizagem.

Dessa maneira, procuramos no primeiro capítulo aprofundar as funções da avaliação. E também mostramos os procedimentos das pesquisas desenvolvidas, no segundo capítulo. E no terceiro capítulo apresentamos a análise dos dados, onde evidenciamos momentos específicos.

Finalmente, diante dos desafios encontrados, foi uma tarefa difícil, mas também compensatória, onde ofereceu oportunidade de rever como se precedem o processo de avaliação na aprendizagem. E assim, em alguns momentos nos possibilitaram enriquecimentos, entre eles, a relação estabelecida com a professora, que podemos perceber através de seus depoimentos a necessidade de querer aperfeiçoar sua prática pedagógica no sentido de avaliar. Mais que, ainda continua no ensino – aprendizagem, um processo avaliatório sobre decisão do sistema que muitas vezes, impede o crescimento de um ensino de qualidade na educação.

#### Referências bibliográficas

BHABHA, H. (1998) O Local da Cultura. Belo Horizonte, UFMG.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – 9.394/96. Brasília – DF.

BRASIL, MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Introdução. Brasília, 2001 – 3ª ed.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HOFFMANN J. **Pontos & Contrapontos:** do pensar ao agir em avaliação – Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_, J. **Avaliação:** Mito & Desafio. Uma perspectiva construtivista. Editora Mediação 33ª ed. Porto Alegre, 2003.

\_\_\_\_\_, Jussara. **Avaliação para promover as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

\_\_\_\_\_, Jussara. **Práticas avaliativas e aprendizagens:** em diferentes áreas do currículo / Organizadores Jansen Felipe da Silva, Jussara Hoffmann, Maria Teresa Esteliano – Porto Alegre: Mediação, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 15 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI. C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MACEDO, L. **Ensaio pedagógico:** como construir uma escola para todos? – Porto Alegre:

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação:** Concepção Idealística – Libertadora do Processo de Avaliação Escolar. São Paulo: Libertad, 1995.

VAZ, P. (1999) Uma História do Presente. *Jornal do Brasil*, Idéias. 30 de outubro.